

A IDENTIDADE E CULTURA NAS ANTOLOGIAS LITERÁRIAS ESCRITAS POR MULHERES: DAS CINZAS AO ARCO-ÍRIS

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira (UNEMAT/SEDUC-DRE)¹

RESUMO: essa abordagem apresenta o *I tomo das bruxas: do ventre à vida* (2022), coletânea poética, de autoria feminina escrita em Língua Portuguesa por autoras residentes em diversos espaços. Trata-se de um recorte que apresenta poemas que, antes contidos no corpo, agora tingem as páginas brancas do papel, e de forma coletiva, fazem das cinzas, arco-íris. Produções expostas em uma antologia que exala odores e sabores múltiplos e que apontam à palavra como: militância, purificação, renascimento e ganham força na irmandade feminina, na sororidade. Para realizar esse percurso, adotamos como metodologia a exposição integral dos poemas, tanto para apresentar as escritoras, quanto para contagiar o leitor, para que juntos, possam celebrar a poção mágica advinda das mãos das bruxas, as quais continuaram a mexer seus caldeirões no curso da história e, agora talvez, mais perigosas que antes, porque aprenderam a dar as mãos, viver-sonhar coletivamente suas dores, suas alegrias, suas superações e apresentam-se, nessa coletânea, em forma de poesia. Daremos destaque às três partes da coletânea: “das três condições necessárias para a liberdade: meu corpo, minhas normas, meu templo sagrado”; “dos silêncios que ardem no fogo das injustiças e dos prodígios da palavra; da chama poética que abraça o ventre divino das bruxas”. Para a conversa, convidamos Gaston Bachelard (2005), Rubem Alves (2004), Octavio Paz (1990; 2012) Terry Eagleton (2019), bem como, outros autores e poetas que passeiam por entre as páginas da produção poética focalizada, os quais expandem nossos quintais, não apenas no campo da literatura, mas, sobretudo, no espaço da nossa intimidade, tão repleto de contradições, assimetrias, angústias e desesperanças. Movimentos que ao veicular por entre o externo e o interno aprofundam os elementos poéticos apresentados pelas mulheres-poetas, nos convocando à reflexão a respeito da intrincada relação entre identidade e cultura, configurando um corpo-memória na expressiva voz de cada eu-poemático.

PALAVRAS-CHAVE: Coletânea literária; Memória; Corpo; Poesia; Autoria feminina.

ABSTRACT: this approach presents the *I tome of witches: from womb to life* (2022), a poetic collection, written by women in Portuguese by authors residing in different spaces. It is a clipping that presents poems that, before contained in the body, now dye the white pages of the paper, and collectively, make rainbows out of ashes. Productions exhibited in an anthology that exudes multiple odors and flavors and that point to words such as: militancy, purification, rebirth and gain strength in female sisterhood, in sorority. To carry out this route, we adopted as a methodology the complete exposition of the poems, both to introduce the writers and to infect the reader, so that together, they can celebrate the magic potion coming from the hands of the witches, who continued to stir their cauldrons in the course of history and, now perhaps, more dangerous than before, because they learned to hold hands, live-dream collectively their pains, their joys, their overcoming and they are presented, in this collection, in the form of poetry. We will highlight the three parts of the collection: the three necessary conditions for freedom: my body, my rules, my sacred temple; of the silences that burn in the fire of injustices and the prodigies of the word; of the poetic flame that burns the divine womb of witches. For the conversation, we invite Gaston Bachelard (2005), Rubem Alves (2004), Octavio Paz (1990;

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. E-mail: maria.elizabete@unemat.br

2012) Terry Eagleton (2019), as well as other authors and poets who walk through the pages of focused poetic production, which expand our backyards, not only in the field of literature, but, above all, in the space of our intimacy, so full of contradictions, asymmetries, anguish and hopelessness. Movements that, when conveying between the external and the internal, deepen the poetic elements presented by the women-poets, calling us to reflect on the intricate relationship between identity and culture, configuring a body-memory in the expressive voice of each poetic self.

KEYWORDS: Literacy collection; Memory; Body; Poetry; Female authorship.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Literatura é feitiçaria que se faz com a alquimia do sangue.

Rubem Alves

Um recorte do que se pode encontrar no *I Tomo das bruxas: do ventre à vida* (2022), coletânea poética, de autoria feminina escrita em Língua Portuguesa por autoras residentes em diversos espaços geográficos. Trata-se de poemas que, antes contidos no corpo, agora tingem as páginas brancas do papel, e de forma coletiva, fazem das cinzas, arco-íris. Produções expostas em uma antologia que exala odores e sabores múltiplos que apontam à palavra como militância, purificação, renascimento e ganham força na irmandade feminina, na sororidade. Destacamos já nessa introdução que:

[...] quando se fala na ‘literatura da mulher’, tacitamente se está referindo à mulher-classe-média ou alta, que tem acesso à cultura letrada – vigente nos núcleos urbanos de maior porte – e não à mulher-do-povo, cujos possíveis dons poéticos se expressam em formas orais que naufragam, quase sempre, no analfabetismo e no anonimato (COELHO, 2013, p. 15).

Ao considerar a proposição de Nelly Novaes Coelho, ressaltamos que a coletânea *I Tomo das Bruxas: do ventre à vida*, não contém significados, os produz nas inúmeras relações que se estabelecem com o feminino a partir do olhar-leitor, movimentando saberes que estão intrínsecos no corpo feminino e, por isso, não se configura em uma voz, mas em um brado coletivo, vindo de mulheres de todas as raças, credos, condições socioculturais, econômicas e políticas diversas. Ou melhor, é como disse Roland Barthes (2003), no momento que a literatura, no caso, a poesia se apodera da matéria do cotidiano, das vivências dessas autoras, a palavra se transforma em um todo significante. Por que a poesia? Porque como disse Rubem Alves (2004, p.18), trata-se de “uma metáfora do corpo. O poeta fala sem argumentos ou provas,

o corpo vibra. Essa vibração é a evidência de que o poeta falou a verdade que domina dentro do corpo”. Trata-se de uma lógica, que renuncia ao método e trilha o sentido da estética criando espaços conhecidos pelo corpo.

Ao apresentar esses apontamentos, ressaltamos a importância de produção de sentidos, destituída, também, de convenções e/ou normativas sociais porque a produção dessas mulheres poetas desafiam inúmeros conceitos arraigados em nosso imaginário. O título escolhido, por exemplo, sugere que o compreendamos, tanto no movimento lírico, quanto na historicidade de um percurso que em nada tem sido favorável a escrita e a vivência do corpo feminino. Se formos aos arquivos históricos verificaremos que há muito vem sendo negado esse espaço às mulheres porque as esconderam em prisões de todos os tipos, quer sejam domiciliares, quer sejam públicas. As vozes dessas mulheres de todos os espaços quebram com a hegemonia, mas permanecem ainda sufocadas.

Para realizar esse percurso de encantamento e de apontamentos sobre reflexões necessárias no âmbito da cultura e da identidade, adotamos como metodologia a apresentação integral dos poemas, tanto para apresentar as escritoras, quanto para embevecer o leitor, para que juntos, possamos celebrar a poção mágica advinda das mãos das bruxas, as quais continuaram a mexer seus caldeirões no curso da história e, agora talvez, mais perigosas que antes, pois aprenderam a dar as mãos, viver-sonhar coletivamente suas dores, suas alegrias, suas superações e se apresentam, nessa coletânea, em forma de poesia, compreendendo que:

À medida que crescemos, temos de aceitar que, por mais livres e autônomos que nos imaginemos, não somos nossos próprios autores. O que nos situa é uma história sobre a qual temos pouco controle e da qual talvez não saibamos quase nada. Essa herança está em nossa carne, em nosso sangue, em nossos ossos e órgãos tanto quanto em nossas condições sociais. Dependemos para nossa existência, e, portanto, também para nossa própria liberdade e autonomia, de toda uma linhagem de outros indivíduos e acontecimentos, emaranhada demais para ser totalmente destrinchada. Há um enredo em andamento, mas não é fácil saber como nos encaixamos nele. Na raiz do eu está algo que não somos nós. É uma espécie de enigma com que temos que aprender a conviver (EAGLETON, p. 159-160).

No entanto, sabedoras das questões apresentadas por Eagleton (2019), é preciso resistir e acreditar no (re)encantamento do mundo, porém, compreender as garras do poder operante não basta, é imprescindível que tenhamos coragem de caminhar, de protagonizar outros desvios, mesmo com as algemas prendendo os pés ou com as brasas ainda a abrasar os nossos sentidos porque desmistificar a história é um processo moroso, desgastante e desafiador. Compreendemos tal qual Gaston Bachelard (2005, p. 86), que: “[...] as palavras mais usuais, as

palavras ligadas às realidades mais comuns, não perdem por isso suas possibilidades poéticas”, assim é o encantamento advindo da coletânea - *I tomo das bruxas: do ventre à vida*. Receba como um convite para o encantamento do olhar/sentir as magias das bruxas e que nesse encantar lírico contribua para, também, ressignificar o percurso histórico e alterar os sentidos hegemônicos.

CORPO-MEMÓRIA: AS COISAS NÃO FALAM FORA DE MIM, É DO LADO DE DENTRO QUE ELAS REVERBERAM E GRITAM

O nome do arco é vida; sua obra, a morte. Quem se esquivará do fogo que não se apaga?

Heráclito

Apresentamos, inicialmente, a poeta Patrícia Cacau, por intermédio do poema: “O feitiço das mãos” (2022, p. 52), que compõe a primeira parte, apresentada como: “Das três condições necessárias para a liberdade: meu corpo, minhas normas e o meu tempo sagrado.” Ao focalizar na poética escrita por mulher, defendemos que há uma sabedoria inerente no corpo feminino que não se encontra em outro lugar porque é uma sabedoria, como salienta Rubem Alves (2004, p. 69), que “nos dá razões para viver”, uma filosofia do corpo que deságua sem necessitar de um conhecimento sistematizado e/ou que segue determinado método.

O FEITIÇO DAS MÃOS

Ardem ainda a planta dos pés
Da última travessia:
Brasa/fogo/gritos
Uivam a multidão aos berros
Gritam como labaredas as palavras:
Bruxas/Feiticeiras/Macumbeiras
Índias/Pretas /Putas
Seguro forte a mão de minha mãe
Ela segura firme as mãos de sua mãe índia
E, juntas, as inseparáveis mãos.
Ecoam os gemidos e gritos
Mandigueiras/Rezadeiras
Mulheres da vida
ELES TINHAM RAZÃO!
Fomos- somos
Eu & Elas
Mulheres da vida, diante da morte.
Na vida, mulher sempre pisa em brasas
Vindas das línguas malditas.
Eu não soltei a mão de minha mãe
Ela não largou as mãos de minha vó.

E eu, também não soltarei a TUA.
(CACAU, 2022, p. 52)

Não há como ler o poema de Cacau sem relembrar o fogo bachelardiano (2005) e ou não se atentar para o movimento do corpo, das normas e do templo sagrado, muitas vezes, condicionados ao *status quo*. Ressaltamos que, o grito do algoz ressoa e atravessa o tempo, porém, o eco desse grito agora tornou comum e, quando algo torna comum, deixa de ferir, de afetar; embora seja inegável que o fogo continua a queimar “Ardem ainda a planta dos pés/Da última travessia:/Brasa/fogo/gritos (CACAU, 2022, p. 52). Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015), ao fogo nomina-se várias simbologias, e estas percorrem as páginas dessa antologia escrita por mulheres, especialmente quando evidencia que:

[...] assim como o sol, pelos seus raios, o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um aspecto negativo: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2015, p. 443).

Ao considerar o exposto, endossa-se um efeito contrário que oferece combustível ao (re)existir. O templo sagrado, é o próprio corpo, é quem rege as suas normas que, muitas vezes, vão à contramão das convenções sociais. Nesse viés, o *eu-poemático* produz os seus sentidos, liberta-se do olhar unilateral, tanto do ser, quanto da linguagem, enquanto simples decodificação de signos e propõe outra leitura, especialmente ao endossar a fala do opressor, e nessa afirmação, descobriu a produção construída: “ELES TINHAM RAZÃO” e com ar sutil e afetivo força-o ao olhar sensível, retomando assim, as proposições bachelardianas quando compreendemos que o nosso templo, a nossa casa, ao apresentar nossas intimidades, também expõe nossas incompletudes e devassidões.

O eu-poemático ressalta o poder das palavras vindas dos gritos do opressor, especialmente, expondo a figura feminina à contemplação, não é apenas essa ou aquela, são todas as mulheres e, portanto, estas precisam reagir: “Gritam como labaredas as palavras:/Bruxas/Feiticeiras/Macumbeiras/Índias/Pretas /Putas.” (CACAU, 2022, p. 52). Esse chamamento, como expõe Rubem Alves: “nos convida a andar pelos caminhos da nossa própria verdade, os caminhos em que moram o essencial. Se as pessoas soubessem ler poesia é certo que os terapeutas teriam menos trabalhos e talvez suas terapias se transformassem em concertos de poesia!”. (ALVES, 2004, p. 09).

Na proposição acima, o autor nos convida para uma leitura profunda do texto, onde podemos compreender a nós mesmos, como seres passíveis de idiossincrasias, mas também capazes de construir outras histórias, novos percursos. Para tanto, é urgente compreender que:

[...] a desconstrução do sistema binário, que implica a constituição de um polo positivo (masculino), em oposição a um negativo (feminino), produtor de assimetria, por meio da própria experiência feminina, é o que vai delegar à mulher a autoridade autoral para, desarticulando o discurso hegemônico masculino, questionar, primeiramente a própria formação do cânone, em seguida, as demais relações de poder que perpassam os fundamentos epistemológicos da sociedade. (ZINANI, 2013, p. 31-32).

A consciência do nosso lugar nos devolve a necessária lucidez, capaz de nos obrigar a visualizar o quanto já se caminhou e o quanto ainda se tem que caminhar, especialmente, quando o trajeto é feito por pés de mulheres, pois é como salienta o *eu-poemático* “[...] Na vida, mulher sempre pisa em brasas/Vindas das línguas malditas” (CACAU, 2022, p. 52).

A palavra metaforicamente apresentada veste-se de brasas e, por outro lado, a força da ancestralidade e a sapiência mantém viva a força do lugar de origem, que também serve para assegurar outro lugar que, embora não seja o seu, se constitui pelo coletivo ao tratar-se de um espaço conhecido pela história e/ou pelo sofrimento: “Eu não soltei a mão de minha mãe/Ela não largou as mãos de minha vó./E eu, também não soltarei a TUA” (CACAU, 2022, p. 52). Nessa mesma mirada está o poema, “Apenas Neta”, de Aline Galvão, apresentado logo a seguir:

APENAS NETA

Desde muito pequena
É fascínio pelo que fascina,
Para além dos olhos
Ao íntimo do coração.
À noite, as estórias,
A lua como cúmplice,
Tanto mistério revelado.
Homem deslumbra-se por sereia
Cai em águas e profundezas
É a beira do barranco
Ou somente a borda de um prato,
Encantamento de libélula.
Banho de folhas, ervas, sal grosso
Para afastar mau-olhado.
Figa ou alho na bolsa
Pra seguir em proteção.
O caldeirão é panela velha da avó,
A magia, acreditar que dava certo.
Uma vida inteira,
Misticismo?

Apenas neta de bruxa.
(GALVÃO, 2022, p. 97).

O poema “Apenas neta” de Aline Galvão (2022, p. 97) está na segunda parte da coletânea, intitulada: “dos silêncios que ardem no fogo das injustiças e dos prodígios da palavra”, observo um eu-poemático consciente de sua ancestralidade, a jogar luzes sobre os fios do patriarcado, mas desafiar a olhar para o matriarcado, para o saber popular que está na entranha das mulheres, portanto “não é tanto aquilo que o poeta diz, mas o que está implícito no seu dizer, a sua dualidade última e irreduzível, que dá as suas palavras um gosto de libertação” (PAZ, 2012, p. 196). Assim, há na escrita de Galvão, um fio que liga o autor ao leitor e vice-versa “nesse teatro do passado que é a memória” (2005, p. 25). pois:

[...] essa imagem que a leitura do poema nos oferece torna-se realmente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Nós a recebemos, mas sentimos a impressão de que teríamos podido cria-la, de que deveríamos tê-la criado. A imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos aquilo que ela expressa – noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um dever de expressão e um dever do nosso ser. Aqui, a expressão cria o ser (BACHELARD, 2005, p. 7).

As palavras operam, ainda como enfatiza Bachelard (2005, p. 7) “[...] uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro”, e nos convoca a aproximar de suas repercussões, vejamos: “Desde muito pequena/É fascínio pelo que fascina,/Para além dos olhos/Ao íntimo do coração”. (GALVÃO, 2022, p. 97). O eu-poemático apresenta uma escrita onde as palavras parecem dançar no nosso imaginário, não são palavras oriundas do vazio, mas recheadas de vivências profundas da infância e do cotidiano de um ser enraizado em histórias que estão desenhadas pelas mãos da memória como o “[...] banho de folhas, ervas, sal grosso/para afastar mau-olhado. [...] o caldeirão é panela velha da avó”, elementos particulares que pela palavra/poética tornam-se coletivos. Como aborda Zinani (2013, p. 32) “[...] a identidade se organiza nas práticas discursivas intersubjetivas e tem na memória, mais que um repositório de conhecimentos e lembranças, um elemento cognitivo imprescindível para a formação da identidade”.

Somos convocadas a pensar no fio de Ariadne existente na literatura e, que segundo Nelly Novaes (2005), apresenta um feixe de relações, principalmente se voltarmos o olhar para os enlaces possíveis entre as simbologias das palavras, ou seja, se considerarmos que ao olho [presente no eu-poemático de Galvão] correspondente, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 654), ao fogo que pode ser “às vezes utilizado como símbolo do conjunto das percepções

exteriores, e não apenas da visão”. Além disso, há ainda nesse poema o elemento água que, de acordo com os autores, tem relação estreita com o fogo, pois “nos ritos iniciáticos de morte e renascimento, associa-se ao seu princípio antagônico, a água”, ou seja, “a purificação pelo fogo, portanto, é complementar à purificação pela água. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p. 441). E a água e o fogo são dois elementos que percorrem as páginas dessa antologia.

Há uma provocação amorosa nos versos: “Uma vida inteira,/Misticismo?/Apenas neta de bruxa”. Novamente, reportamos ao filósofo francês, Gaston Bachelard (2005) ao salientar que: “[...] uma imagem poética põe em ação toda a atividade linguística. A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante” (BACHELARD, 2002, p.7). E/ou “[...] que o corpo não pensa sob forma de sistema. Os pensamentos do corpo não formam um sistema coeso. Divagam. Flutuam. Associações livres. Ele se deleita nas peças do quebra-cabeça, isoladamente, soltas, desencaixadas.” Nessas peças desconexas e, ao mesmo tempo, frutos do ser em combustão, os poemas dessas mulheres encontram-se, num jogo dinâmico e instigante que se alinham pela palavra. Compreendemos assim que:

[...] no momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e instituindo um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais. Dessa maneira, as mulheres promovem uma ruptura com a tradição da cultura patriarcal, por da utilização de um discurso do qual emerge um novo sujeito, com outras concepções sobre si mesmo e sobre o mundo. (ZINANI, 2013, p. 32-33).

Ao focalizar na proposição acima, trazemos o poema: “Gritaram”, de Lilian Rocha (2022, p. 160), alinhavado à tríade poética aqui apresentada, onde o eco do passado, também continua a repercutir no presente, porém, com respostas coletivas produzidas com fios de sororidade que precisam ser escutadas/sentidas e que, para além das belezas que coexistem em seus corpos-mulheres, ouvirão para sempre o brado coletivo das netas, bisnetas e tataranetas das bruxas, porque elas sabem que viverão para além do corpo físico, pois o eco do que é excêntrico é, também, imortal.

GRITARAM

Ontem, na rua
Gritaram
Bruxa
Um arrepio
Percorreu o meu corpo
parou no meu ventre

gritaram novamente
Bruxa
Meu ventre dilatou
Senti algo úmido
Sangrava
Gritaram novamente
Bruxa
Senti minha pele
Queimar
Gritaram novamente
Bruxa
Transcendi
Virei fogueira
Gritaram novamente
Bruxa
E o eco
Ressoa no túnel do tempo.
(ROCHA, 2022, p. 160)

O eu-poemático de Lilian Rocha em: “Gritaram” percorre uma das páginas que compõe a terceira parte denominada: “Da chama poética que abrasa o ventre divino das bruxas” (CACAU & CORTEZÃO, 2022, p. 147). Esse poema sintetiza a magia contida na coletânea e interliga-se aos dois poemas anteriores, ao novamente trazer o verbo gritar e a figura da bruxa que, insistentemente, percorre inúmeros poemas dessa coletânea, não apenas para endossar o título, mas talvez para que, sobretudo, se possam perceber os liames históricos e existenciais em que foram criados e recriados esses versos. No entanto, se antes as bruxas só ouviam os gritos, agora, também gritam e fazem ressoar o brado coletivo, ancoradas por outros gritos-mulheres que têm suas vivências e idiossincrasias tecidas na historicidade e que alimentam a fome de muitas outras mulheres, pois:

Os [as] poetas nos dão uma grande felicidade de palavras. Misturam coisas e palavras nos seus olhos, e o resultado é um banquete onde tudo que recebemos cru, duro e sem gosto da natureza é transformado ao fogo da imaginação saborosa tornando-se comida. A poesia são palavras boas para comer. O [a] poeta é um[a] feiticeiro [a] alquimista que cozinha o mundo nos seus versos: num simples verso cabe um universo (ALVES, 2004, p.151).

Nessa citação, o autor sintetiza bem o primeiro tomo das bruxas, já que estas usam os caldeirões para mexer suas palavras ao ponto da degustação coletiva, cada uma utiliza o fogo da sua imaginação e cria um tempero singular e o resultado é este banquete de palavras metaforicamente trabalhadas. É como se um clamor feminino solicitassem para que “vejam minhas palavras, sou linguagem: vejam meu sentido, sou literatura” (BARTHES, 2003, p.171). Ou ainda como aborda Octavio Paz “ao falar-nos de todos esses fatos, sentimentos, experiências

e pessoas, o poeta nos fala de outra coisa: do que está fazendo, do que se está sendo diante de nós e em nós” (PAZ, 2012, p. 197).

A mulher subverte a norma e se apodera da coisa percebida, torna-se o olhar coisa sua. Walker *apud* Priore (2011), enfatiza que houve um tempo em que “um olhar feminino livre seria percebido como um olhar obsceno, lúbrico. Olhar, portanto, era coisa de macho”. Zinani (2013) salienta que a linguagem vista como poder demiúrgico quem a domina tem o controle do pensamento e, portanto, da realidade. E como essa é criação de autoria masculina constitui, muitas vezes, como um mecanismo de opressão às mulheres. Queremos as palavras vivas que ecoam a resistência, a sororidade, a identidade dita do lugar da gênese e, não aquelas mortas, ditas por outros. Almejamos que as palavras lançadas ao vento por mulheres não fiquem sufocadas nos arquivos públicos e ou nas prateleiras das bibliotecas por que fora do cânone e, portanto, impedidas de passear pelas mãos dos leitores. O banquete precisa ser servido, lembrando que o amor acontece não pelos olhos, mas pela boca: “quem lê bebe o sangue de quem escreveu” (ALVES, 2004, p.39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentam-se no *I tomo das bruxas*, eus-poemáticos que trazem as vozes de mulheres-protagonistas de suas histórias e de suas vozes. Desse modo, a tríade de poemas apresentada, traz a força ancestral da mulher, a consciência do espaço conquistado pelas mãos que as antecederam; ressaltando que elas estão no poder, “[...] Gritaram novamente/Bruxa/E o eco/Ressoa no túnel do tempo”, as vozes operantes, cruéis e avassaladoras do patriarcado atravessam gerações e gerações; mas, as matriarcas não morreram, são atemporais e, portanto, não mais vão viver na invisibilidade porque vivem nas bruxas-mulheres desse tempo, que são fênix e, agora, sabedoras do seu lugar se levantam com a espada em punho metaforizada em palavras. Sim! São mulheres desse tempo que tais quanto as que antecederam, lutam para que as que virão possam viver livres. Utopia? Talvez. Mas, é ela quem engendra a vida.

Assim, a coletânea - *I Tomo das bruxas: do ventre à vida* - nos provoca à percepção de que: “[...] todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana.” (BACHELARD, 2005, p. 2003) e desta forma, compreende-se ainda ao coadunar com o autor que: “o poeta impede que a palavra imobilize” (BACHELARD, 2005, p. 177), tal qual o ser consciente de sua humanidade. Há em grande parte dos poemas dessa obra a presença da parêntese vida-morte, talvez para recuperar a vida concreta, como salienta Octavio Paz, para “[...] reconquistar um no

outro, o tu no eu, e assim descobrir a figura do mundo na dispersão de seus fragmentos” (PAZ, 1990, p 110).

É do lugar da palavra sempre em processo demiúrgico, que desnudam metamorfoses, que os convidamos a endossar o desejo de Patrícia Cacau (2022, p.08), como um brado coletivo: “[...] que estas palavras, em forma de poesia, nos libertem de tudo o que nos amarra e oprime. Saúdo a todas, louvando a divina existência de cada uma e lhes ofereço o brilho do sol de cada amanhecer, a beleza da lua e a magia da palavra poesia!”. A luta é que a figura feminina seja apresentada a partir da própria perspectiva, ao desconstruir os vestígios de uma tradição produzida com comparações e metáforas elaboradas apenas sob a perspectiva masculina, possa contribuir para fazer veicular outras nuances que mostram as faces múltiplas do feminino, as quais possam corroborar para a desconstrução de conceitos tradicionais e viabilizar a ocupação dos espaços de poder e de cultura por todos, sem supervalorizar um em detrimento de outro.

Desejamos que o *I tomo das bruxas: do ventre à vida*, se fortaleça enquanto uma rede integrativa e, que seus fragmentos encontrem com outros e se configurem numa conversa amorosa, ou melhor, em uma conversa como “metáfora de jogos amorosos”, como disse Rubem Alves (2014, p. 28); compreendendo que os caminhos se configuram em espiral. As palavras que percorrem as páginas dessa coletânea, são águas profundas do ser, expressam a fundura dos corpos diversos que se fundem num brado coletivo; corpos, memórias, palavras que realizam orgia, sem explicações ou fundamentos, fazem escorrer metáforas dos corpos que reverberam poesia. Neste sentido, “corpo na chave em que se apresenta, corresponde à materialidade pela qual a memória desempenhará seu potencial criativo, preparando-o para o debate com o mundo” (FERNANDES, p. 296)

Ao ressaltar a poesia dos corpos, não focalizamos na titulação acadêmica ou na condição socioeconômica das autoras, embora sejam aspectos que também são considerados, já que falamos de um determinado lugar. Mas, sobretudo, queremos jogar holofotes na poesia que escorre das profundezas de corpos femininos que, diferentes se enlaçam em irmandade pela constelação mágica das metáforas provenientes das palavras.

Margarida Montejano (2022) no posfácio dessa antologia “... pela boca das mulheres renascerá a palavra viva e outra história se fará ouvida. Do ventre à vida, haveremos de ver a versão grandiosa do que fomos ontem, do que somos hoje e do que seremos amanhã” (CACAU & CORTEZÃO, 2022, p. 209). Assim, enquanto escritoras dessa coletânea, propomos pela poesia uma conversa, recheada de surpresas e amorosidades, com percursos imprevisíveis, movimentos livres, recheados de palavras e imagens que, numa orgia metafórica e envolvente,

contribua para gestar pensamentos autônomos, em diálogo, porque a arte, no caso a poesia, anseia por comunhão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer*. São Paulo: Planeta, 2014.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CACAU, Patrícia; CORTEZÃO, Marta. *I tomo das bruxas: do ventre à vida*. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

CACAU, Patrícia. *O feitiço das mãos*. IN: CACAU, Patrícia; CORTEZÃO, Marta. *I tomo das bruxas: do ventre à vida*. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes ou guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FERNANDES, Frederico Garcia. *Corpo-memória e a poética da resistência: apontamentos sobre literatura e performance na América Latina*. In: BARBOSA, Sidney; SILVA-REIS, Dennys. (Org.). *Literatura e outras artes na América Latina*. Campinas: Pontes, 2019. p. 295-322.

GALVÃO, Aline. *Apenas neta*. IN: CACAU, Patrícia; CORTEZÃO, Marta. *I tomo das bruxas: do ventre à vida*. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

ROCHA, Lilian. *Gritaram*. IN: CACAU, Patrícia; CORTEZÃO, Marta. *I tomo das bruxas: do ventre à vida*. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

WALKER, Marli. *Mulheres silenciadas e vozes esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

PAZ, OCTAVIO. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PAZ, OCTAVIO. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

Recebido em: 19/02/2023

Aprovado em: 11/05/2023

Publicado em: 04/08/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_3